

FRY, Peter. *Espíritos de protesto: Ancestrais e política numa comunidade de fala chizezuru nos estertores do regime colonial na Rodésia do Sul, hoje Zimbábue*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya editorial, 2025.

Uma etnografia sobre ritual e política na Rodésia do Sul (hoje Zimbábue)

An ethnography of ritual and politics in Southern Rhodesia (now Zimbabwe)

Lorenzo Macagno

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

RESUMO

Após cinco décadas da sua publicação em inglês, em 1976, o livro de Peter Fry, *Espíritos de protesto: Ancestrais e política numa comunidade de fala chizezuru nos estertores do regime colonial na Rodésia do Sul, hoje Zimbábue*, chega, finalmente, aos leitores de língua portuguesa. O objetivo do livro é entender a relação entre religião e política no povo zezuru (pertencente ao grupo linguístico Xona). Para tanto, o autor realizou, entre 1964 e 1966, um trabalho de observação participativa e extensa pesquisa de campo. Na altura, como resultado da pesquisa, Peter Fry descobre que a tentativa de retorno à “tradição” por parte do povo zezuru passa pela reativação de uma instituição que sempre se manteve latente e que, durante o trabalho de campo, assume uma linguagem mais explícita: a mediunidade e o culto aos espíritos. A presente resenha discorre, portanto, sobre esse trabalho ainda pouco conhecido no Brasil: a etnografia realizada para o seu doutorado na antiga Rodésia do Sul, hoje Zimbábue. A resenha descreve o contexto em que a pesquisa de campo foi realizada, e retrata o ambiente sociopolítico que Fry encontrou em 1964. No momento da sua chegada, o país estava em plena ebulição, ao tempo que o incipiente nacionalismo zimbabuano oscilava entre várias tendências. Contudo, para além das meras clivagens ideológicas, havia outras dimensões da vida social, menos explícitas e mais “invisíveis”, que era preciso mapear e entender. A etnografia de Fry descreve, justamente, o papel dos médiuns na província de Maxonalândia (local da pesquisa), em

Recebido em 14 de setembro de 2026.

Aceito em 28 de setembro de 2026.

um contexto de suspeitas e perseguições políticas. Por fim, a resenha tece um comentário sobre a originalidade e a contribuição desta pesquisa, tanto no que se refere ao campo dos estudos sobre África, como ao entendimento das relações entre religião e política.

Palavras-chave: Etnografia, Colonialismo, Religião, Política, Zimbábue.

ABSTRACT

Five decades after its publication in English, in 1976, Peter Fry's book, *Spirits of Protest. Spirit-mediums and the articulation of consensus among the Zezuru of Southern Rhodesia (Zimbabwe)*, is finally reaching Portuguese-speaking readers. The aim of the book is to understand the relationship between religion and politics amongst the Zezuru people (who belong to the Shona speaking congeries). To this end, between 1964 and 1966, the author carried out participant observation and extensive fieldwork. At the time, as a result of his research, Peter Fry discovered that the Zezuru people's attempt to return to "tradition" involved the revival of an institution that had always remained latent and which, during the fieldwork, took on a more explicit form: mediumship and spirit worship. This review therefore discusses Fry's research, which remains little known in Brazil: that is to say the ethnography he carried out for his PhD in what was then Southern Rhodesia, now Zimbabwe. The review describes the context in which the fieldwork was conducted and depicts the socio-political mood Fry encountered in 1964 when he arrived in Southern Rhodesia. At the time of his arrival, the country was in a state of upheaval, whilst the nascent Zimbabwean nationalism was oscillating between various tendencies. However, beyond mere ideological divisions, there were other dimensions of social life, less explicit and more "invisible", that needed to be mapped out and understood. Fry's ethnography describes, precisely, the role of mediums in the province of Mashonaland (the location of the research), against a backdrop of political suspicion and persecution. Finally, the review comments on the originality and contribution of this research by Peter Fry, both in terms of the field of African studies and in terms of our understanding of the relationship between religion and politics.

Keywords: Ethnography, Colonialism, Religion, Politics, Zimbabwe.

Há exatamente 50 anos, em 1976, foi publicada, sob o título *Spirits of Protest: Spirit-mediums and the articulation of consensus among the Zezuru of Southern Rhodesia (Zimbabwe)*, a tese de doutorado de Peter Fry. A tese resultou do seu trabalho de campo, realizado entre 1964 e 1966, na ex-Rodésia do Sul (atual Zimbábue). Passaram-se cinco décadas para que a tradução ao português saísse à luz. Essa empreitada se deve muito aos esforços de Omar Ribeiro Thomaz, professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenador do Projeto Avakuaaty (Publicações PPGAS/UNICAMP), e ao empenho de Sebastião Nascimento,

tradutor e diretor da editora Huya.

Para entendermos a genealogia do livro, é preciso indagar a trajetória do autor. No final de 1963 o jovem Peter Fry, saído de Londres, chega à antiga Rodésia do Sul com o objetivo de realizar uma pesquisa etnográfica para o seu doutorado. A situação política na colônia britânica era periclitante. Naquela época – agosto de 1964 – o primeiro-ministro, Ian Smith, representante da minoria branca, decidira banir os partidos nacionalistas africanos que lutavam pela independência: a Zimbabwe African People's Union (ZAPU) e a Zimbabwe African National Union (ZANU). O ambiente social e político assumia, naquela ocasião, um contorno tenebroso, perpassado por desconfianças e delações. A Organização Central de Inteligência (Central Intelligence Organisation, CIO) vigiava potenciais suspeitos e, portanto, a perseguição aos opositores do regime estava na ordem do dia.

Peter Fry acabara de se formar como bacharel em Antropologia Social na Universidade de Cambridge. Estimulado pelo seu ex-orientador, Jack Goody, dispôs-se a iniciar um trabalho de campo naquela colônia britânica. A partir desse momento, seu vínculo institucional seria a University College of Rhodesia and Nyasaland (UCRN), filial colonial (em Salisbury, hoje Harare) da University College London. Esse arranjo administrativo o fez ficar sob a tutela acadêmica da grande antropóloga Mary Douglas, que, na época, ensinava na University College London.

Clyde Mitchell, um dos seus mestres na UCRN, mantinha boas relações com o chefe do Ministério de Assuntos Nativos, como era chamada a instância estatal responsável pela administração da população negra africana através do sistema colonial britânico conhecido como “governo indireto” (*Indirect Rule*). Assim, Fry recebeu a autorização para ficar na reserva chamada Chiota (*Chiota Tribal Trust Land*), habitada por pessoas de fala chizezuru, uma variante linguística oriunda do ChiXona. Chiota situava-se apenas a 70 quilômetros ao sul da capital. Tempos depois, quando já se encontrava bem instalado no seu local de pesquisa, foi alvo de requisições por parte de agentes do governo.

Aos poucos, Peter Fry começou a perceber, entre os moradores de Chiota e nas localidades circunvizinhas, uma crescente hostilidade às igrejas cristãs brancas, acompanhada de uma efervescência das crenças e práticas “tradicionais”. Tais manifestações estavam atreladas a uma forma – quase clandestina – de reivindicar ensejos emancipatórios e anticolonialistas. Dito de outra forma, o nacionalismo começou a assumir uma outra linguagem, que não aquela diretamente expressada na gramática das agrupações políticas, dos sindicatos ou das associações civis. A cosmologia local começou a fornecer o substrato a partir do qual as pessoas tomavam suas decisões, resolviam seus conflitos e tratavam suas aflições.

Na altura, Peter Fry reparou que um dos seus jovens assistentes começou a desenvolver “sintomas de mediunidade”. Esses indícios se alastraram em outros jovens – com alguma alfabetização e experiência no mundo urbano –, os quais estavam rompendo com as igrejas cristãs e “retornando” aos antepassados. A partir dessa descoberta empírica, Fry resolveu mergulhar no fenômeno, pois essa retraditionalização fazia sentido para os próprios atores com os quais ele compartilhava o cotidiano.

Tal operação etnográfica implicou um duplo desafio. Por um lado, o imperativo de mapear a experiência que atravessava a sociedade xona naquele presente etnográfico – um presente perpassado por tensões e aflições das mais diversas. Ao mesmo tempo, esse esforço operava como uma forma de incorporar a etnografia a uma historicidade incontornável. Justamente por aqueles dias, o grande historiador Terence Ranger (1967) publicava os primeiros resultados sobre o papel fulcral que os médiuns xona tiveram na rebelião contra a presença colonial entre 1896 e 1897. Aquela luta ficou conhecida como a primeira “Chimurenga”. Passadas sete décadas, e em plena luta contra o governo segregacionista, os espíritos estavam de volta.

O livro é composto por seis capítulos. O primeiro situa a Reserva Territorial Tribal de Chiota em um contexto sociopolítico e econômico mais amplo. Apesar das iminentes mudanças na ocasião, pautadas por uma suposta “modernidade”, Chiota se tornou um foco de atividade religiosa “tradicional”, centrada no culto dos médiuns. No segundo capítulo, o autor introduz um dos protagonistas centrais da etnografia: o médium David Mudiwa, cujos laços com outros médiuns se estendiam por uma extensa rede que perpassava cidades e zonas rurais. Na Rodésia da época, esses laços políticos e religiosos conseguiam se esquivar das temerosas forças do CIO. Por momentos, David Mudiwa era possuído por *Kafudzi* (um “espírito da água”) e, em outras ocasiões, ele recebia um espírito heroico (do clã Nyandoro) e um espírito ancestral. Lembremos que, nessa cosmologia espiritual, os “não xona” são portadores dos espíritos *shave*, enquanto os xona se vinculam aos espíritos heroicos e ancestrais. Entretanto, “Partindo da presunção de que heróis, ancestrais, espíritos shave e feitiçaria têm o estatuto de conceitos teóricos e não de fatos comprovados, deduz-se que todo o leque de crenças é manipulável pelas pessoas que as invocam [...]” (Fry, 2025, p. 49).

Para os atores, de um ponto de vista *emic*, as explicações de infortúnios são verdades reveladas por um médium. Para os observadores, de um ponto de vista *etic*, essas explicações são obtidas “ex post facto” (Fry, 2025, p. 46 e 49), com base na adequação política. Ora, ocorre que “Nenhuma explicação é ‘verdadeira’ no sentido científico do termo; ela pode ser interpretada como significativa em relação a uma *determinada situação social*” (Fry, 2025, p. 49, grifo meu). Neste dispositivo explicativo, opera também a tensão indivíduo/sociedade.

No capítulo seguinte, o terceiro do livro, Fry descreve a “sociologia da mediunidade”, vinculada, por sua vez, às lógicas patrilineares da sociedade zezuru. Na sequência, no quarto capítulo, subministra ferramentas etnográficas para entender a relação dos zezuru com seus vizinhos: os korekore. Aqui, a flexibilidade zezuru se sobrepõe à rigidez dos padrões korekore. Ao que parece, há também uma diferença substancial em relação ao exponencial crescimento dos médiuns zezuru, em contraposição a um gradual desaparecimento dos “espíritos-guardiões” dos korekore. Nesse capítulo, Fry estabelece um diálogo com Kenneth Garbett, que havia chegado à Rodésia no início de 1960 para realizar seu trabalho de campo sobre os korekore. A restauração religiosa ocorrida em Chiota, conforme mostra Fry, é substancialmente diferente do que vinha acontecendo entre os korekore. Em vez de uma profusão de médiuns, a linguagem religiosa se manifestava sob a forma de uma proliferação de grupos ligados ao “culto sionista cristão”, um pouco à maneira das igrejas etíopianistas e proféticas sul-africanas, descritas no famoso livro de Sundkler, *Bantu Prophets in South Africa* (1948).

A perspectiva mais explicitamente manchesteriana, marcada pela ideia de “situação” e drama social, aparece a partir do quinto capítulo. Ele resulta de minuciosas anotações de campo no período em que Peter Fry permaneceu na aldeia Tatenda. O chefe local (régulo) era Andrew, um respeitado médium cujo prestígio era mais religioso do que político. O capítulo retrata a dolorosa e longa ascensão de Thomas Mutero (o principal assistente do antropólogo) para se tornar médium de “alto escalão” (lembrando que Andrew, apesar de seu prestígio, era de “baixo escalão”). Invejas, disputas por heranças, tensões entre irmãos e meios-irmãos, suspeitas de adultério, antigas e novas desavenças, dívidas não pagas, utilização de poções (*muti*), ambições egoístas, lealdades e traições configuram, nesse capítulo, um “drama” social, no sentido de Victor Turner.

Assim, o ritual entra em cena como um catalizador das resoluções. Nestes casos, a resiliência da “tradição” não opera necessariamente como negação da “modernidade”. Ao contrário, não há contradição entre o fato de Thomas ter passado por instituições metodistas e católicas e o fato de ele veicular a linguagem da mediunidade. Como demonstraram, primeiro Evans-Pritchard e depois Gluckman, “Crenças em espíritos ancestrais e bruxas não excluem crenças em átomos e germes; elas se complementam, pois respondem a distintas questões de natureza existencial. Epistemologicamente, não existe razão para que ambos os sistemas de crenças não caminhem lado a lado” (Fry, 2025, p. 114). Do ponto de vista *emic* – isto é, da perspectiva dos próprios atores – essa “não contradição” faz todo o sentido.

Em Chiota, as igrejas protestantes – sobretudo a metodista – tiveram um considerável sucesso entre as décadas de 1930 e 1950. Entretanto, o capítulo final mostra que, na verdade, os

pastores metodistas africanos nunca abandonaram a fruição para a mediunidade ou a “tradição”. De fato, no início de 1960, os “heróis zezuru” retomaram o seu protagonismo, tal como acontecera na primeira Chimurenga. Por isso, a repressão às atividades políticas públicas não conseguiu banir outras linguagens políticas, nem outros protestos, menos ostensivos, porém, eficazes: os dos espíritos.

O grande africanista Terence Ranger, em um livro intitulado *Peasant Consciousness and Guerrilla War in Zimbabwe* (1985), retomou aquele problema mapeado por Fry na sua etnografia. Para além de supostas inquietações nacionalistas, Ranger (1985) argumenta que a importância dos médiuns entre os camponeses xona – nesse período de 1964-1965 – residia na preocupação com a terra, em um conúbio inevitável entre antepassados e território. Trata-se de uma inquietação, aliás, que havia surgido por volta de 1890, com a espoliação perpetrada por Cecil Rhodes e sua Companhia Britânica da África do Sul. Muito mais tarde, já entrada a década de 1970, outros pesquisadores perceberam que os médiuns tinham se tornado importantes articuladores da consciência radical, mesmo antes de os guerrilheiros entrarem nas zonas rurais. Por sinal, a temática sobre a relação entre os médiuns e a guerrilha foi magistralmente retomada por David Lan (1985) no seu trabalho de campo no nordeste de Zimbabwe. Logo, o livro de Peter Fry abriu caminhos para este e outros trabalhos.

No livro, a afinada interconexão entre as categorias nativas e as categorias analíticas faz jus ao decoro das boas práticas etnográficas. Elas propiciam ao leitor o acesso a problemas antropológicos relevantes e a experiências significativas: as dos próprios habitantes de Chiota e as do etnógrafo em diálogo com eles.

Por fim, a presente tradução ao português foi agraciada com um prefácio do antropólogo moçambicano Cristiano Matsinhe. A essa dádiva se acrescentam outras duas: 1) Um magistral ensaio final do autor, na forma de epílogo (Reflexões sobre o Zimbábue pós-colonial), sobre os desdobramentos daquelas tensões no Zimbábue contemporâneo, dentre eles o desfecho da saga – de autoritarismos e violências – que Robert Mugabe ajudou a construir; e 2) Um conjunto de imagens e fotografias da própria experiência de campo. Nelas desfilam seus amigos-colaboradores-assistentes e também sua amiga Judith Todd (ainda jovem em uma das fotos), que sofrera, primeiro, as violências do regime de Ian Smith e, mais tarde, as dos altos oficiais de Mugabe. Sem dúvida, Peter Fry soube tecer uma fina cumplicidade com seus interlocutores zezuru. E, como se isso fosse pouco, aprendeu com eles a tocar o instrumento musical preferido dos xona. Um artefato, por excelência, propiciador do diálogo com os espíritos: o “piano de polegar” ou *mbira*.

REFERÊNCIAS

1. FRY, Peter. **Espíritos de protesto**: Ancestrais e política numa comunidade de fala chizezuru nos estertores do regime colonial na Rodésia do Sul, hoje Zimbábue. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya editorial, 2025.
2. LAN, David. **Guns and Rain**: Guerrillas and Spirit Mediums in Zimbabwe. London: James Currey, 1985.
3. RANGER, Terence. **Revolt in Southern Rhodesia, 1896-97**: A Study in African Resistance. London: Heinemann, 1967.
4. RANGER, Terence. **Peasant Consciousness and Guerrilla War in Zimbabwe**. London: James Currey; Berkeley: University of California Press, 1985.
5. SUNDKLER, Bengt Gustav Malcom. **Bantu Prophets in South Africa**. London: Lutterworth Press, 1948.

Lorenzo Macagno

Professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador colaborador do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3464-9524>. E-mail: lorenzom@ufpr.br.